

Portugal

Desertificação O projecto das Aldeias de Xisto ajuda a inverter tendência de êxodo

Janeiro de Cima recuperou a sua auto-estima... agora é renascer

Antigos moradores estão a regressar, depois de uma vida inteira fora. Freguesia do concelho do Fundão está a captar investimento de jovens

Ana Cristina Pereira

Na segunda-feira, ainda havia tiras coloridas a fazer sombra no pátio da casa de repasto Fiado. Nuno Mendes casara na antevéspera. Foi um belo "marriage" português. O cortejo nupcial nem saiu da Rua do Espírito Santo. Palmilhou dois minutos, desde a igreja até ao banquete. À noite, quando os noivos se despediram, cruzaram o pátio e entraram na centenária Casa de Janeiro.

"Desde pequenito", Nuno sonhava casar na "igreja velha" de Janeiro de Cima, no Fundão. Não por devoção a Nossa Senhora da Assunção, que a 15 de Agosto se celebra. Por "tradição". Os avós casaram lá, os pais casaram

breve - de França, da Stuiça, de Lisboa, do Barreiro. Laurinda Lourenço está cansada do "stress, do barulho, da poluição" da capital. Mora em Lisboa desde os 19 anos e só está à espera de que o marido entre na reforma para retornar a Janeiro de Cima. "Ele tem 57 anos, já descontou 41 anos para a Segurança Social". Contando com os três de tropa, quando completar 60 poderá aposentar-se. Tem casa há um ano. Não desistirá dos seus planos pelos filhos e netos, que, por certo, os visitarão amide. Janeiro de Cima aproximou-se do resto do mundo. Há 30 anos, Laurinda gastava sete horas na viagem. Hoje, gasta três. Há electricidade, água canalizada, saneamento, telefone. Falta um multibanco, uma farmácia, um posto de combustível, um quiosque, enuncia o filho, sentado nas toalhas que a família estendeu para o seu piquenique à beira rio. Mas "é maravilhoso" o sossego das montanhas com o rio ao fundo.

A aldeia - situada a 40 quilómetros do Fundão e a 60 de Castelo Branco - cresce o número de casas recuperadas (algumas rebocadas). As intervenções abrangem já algumas calçadas de pedra que rasgam a parte mais antiga. Subsistem algumas queilhas. As crianças usam nas para jogar às escondidas ou à apanhada (há 11 alunos no primeiro ciclo).

Estas queilhas são as de infância de Nuno, apesar de o rapaz ter nascido e sido criado em França. Fazem parte da sua memória, como o som do sino da igreja, o cheiro do pão a sair do forno ou o sabor do caldo de castanhas. O rapaz, de 28 anos, nasceu e cresceu em França, mas sempre passou ali as suas férias.

Os pais de Nuno partiram para França na década de 1970, como muitos outros do Norte do interior. Regressaram há três anos, decididos a gozar ali os seus últimos dias. Foi uma vida inteira de trabalho nos arredores de Lille. Agora, cabe aos três filhos pegar nos três netos (vem um quarto a caminho) e visita-los no Verão, como eles costumam pegar neles e visitar os seus pais.

Apaixou-se por uma francesa, o rapaz acaba de casar com ela (o brilho

Nuno e a mulher casaram no dia 11 de Agosto, na igreja "velha" da aldeia



24 compõem a rede de Aldeias do Xisto

Intervenção arrancou com reabilitação do património imóvel e avançou para um projecto integrado de desenvolvimento

A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDR) tem vindo a incentivar a requalificação física das 24 aldeias distribuídas por 14 municípios da região Pinhal Interior. Recuperaram-se espaços públicos, imóveis públicos e privados, criaram-se infra-estruturas de futuro (saneamento básico, água, luz, telefone).

O programa Aldeias do Xisto surgiu com um projecto-âncora num território que parecia não ter algo que o diferenciava, que o marcasse. Embora alicerçado na requalificação do património local, apostou em acções de formação (atendimento turístico, tecelagem, pedreiros de xisto, gastronomia), já que a meta era melhorar as condições de vida das populações residentes, gerando



emprego, sustentabilidade. As mudanças já se visibilizam. As obras, da responsabilidade das autarquias, deverão terminar no próximo ano. Entusiasmados com os resultados, alguns proprietários recuperaram também o interior das suas casas, melhoraram a sua qualidade de vida. Para promover um produto turístico de excelência no

contexto nacional, numa associação entre natureza, tradição e vida activa nasceu, em 2005, a Pinus Verde. É esta entidade que gere o plano de desenvolvimento sustentado das Aldeias do Xisto. Para trás, parece ter ficado o tempo em que faltava unidade. Agora, há uma marca de produtos regionais, um plano estratégico de turismo, uma carta gastronómica, um calendário de animação. Parece estar tudo a andar. Já nasceu até a Agência de Promoção Turística das Aldeias do Xisto, a envolver entidades públicas (14 câmaras, oito juntas de freguesia). Agora, cabe aos três filhos pegar nos três netos (vem um quarto a caminho) e visita-los no Verão, como eles costumam pegar neles e visitar os seus pais.

O xisto joga com as cores fortes

Em Janeiro de Cima, as casas de xisto, pontilhadas de seixos rolados, convivem com as casas de cores fortes. Quando se avançou para a

recuperação, havia muitas casas rebocadas. Impossível transformá-las em xisto. A solução foi rebocá-las e pintá-las outra vez



Investimentos com alma

São filhos da aldeia. Dois saíram dela, um nasceu mesmo fora dela. Escolheram Janeiro de Cima para investir. Criaram uma oferta turística

Manuela Margalha
34 anos
Casa de Janeiro

Gosta de cumprir o trajecto entre a "eira" e o "povo", de calcorrear as estreitas ruas de calhau rolado, de fazer piqueniques à beira-rio, no pinhal de montanha ou na Barragem de Santa Luzia. Manuela Margalha cresceu em Janeiro de Cima, no Fundão, saiu para estudar. Estudou em Aveiro Planeamento Regional e Urbanismo.

Foi em Aveiro que conheceu o marido. João depressa se rendeu à vida campestre e, depois dele, os dois filhos de ambos (Guilherme e Joana). Aveiro converteu-se na base. Manuela trabalhava no Porto. Dividia a sua atenção por três territórios. Com o seu percurso pessoal, familiar e profissional, a rapariga parecia talhada para fazer vida fora do seu local de nascimento. Um dia, deixou o emprego para se dedicar a Janeiro de Cima.

Em 2001, o casal comprou uma ruína de xisto na Rua do Espírito Santo. O projecto avançou em Abril de 2005, com o apoio financeiro do Programa das Aldeias de Xisto. No ano passado, inaugurou a Casa de Janeiro (dois edifícios contíguos, com duas suítes e cinco quartos), paredes-meias com restaurante Fiado.

Não é o único projecto profissional de Manuela, que ainda ali tem grande parte da família. Quando a Câmara do Fundão abriu o concurso público para a Casa da Pedra Rolada (dois quartos e uma suíte), candidatou-se. Agora, também gere essa moradia com paredes de xisto tecidas com pedra do rio.

O Turismo em Espaço Rural não a obriga a estar sempre na aldeia. Durante a semana, Manuela vive em Aveiro. Durante o fim-de-semana e nas épocas de férias, vive em Janeiro de Cima. As mudanças são comandadas pela clientela. De Junho a Setembro, Manuela tem sempre hóspedes, o que quer dizer que está sempre ali. No resto do ano, só tem hóspedes de fim-de-semana. O marido quer mudar-se para ali a tempo inteiro, mas ela resiste-lhe. "Ele tem emprego lá, os nossos filhos ainda são muito pequenos".



Rosa e Américo Gaspar
36 e 40 anos
Bar Passadiço

O Passadiço resulta de um sonho de Américo Gaspar. Ambicionava ter um espaço no qual pudesse estar com os amigos a "passar um bom bocado" e aquele edifício era uma triste ruína na rua da casa paroquial. Sempre que passava por ali, Américo inquietava-se com a ideia de ver desaparecer aquela velha varanda a atravessar a rua, como já tinham desaparecido as outras.

Comprou a casa há nove anos. Andou seis a recuperá-la. É carpinteiro, usou o seu engenho e a sua arte para criar uma atmosfera peculiar. Trabalhou ali nas suas férias, nas suas folgas, nalguns serões. O pai "deu uma ajuda", um amigo encarregou-se da parte eléctrica. O meu marido fez as coisas com muito gosto, teve mais prazer a fazer do que a abrir", diz Rosa.

O Passadiço abriu em Abril de 2006 - Américo pensava restringi-lo ao seu grupo de amigos, mas o investimento fora forte e o resultado animador: os amigos persuadiram-no, abriu ao público em geral. E está "surpreendido". Manuela tem sempre hóspedes, o que quer dizer que está sempre ali. Há uma lareira a um canto que se acende nas frias noites de Inverno. De resto, as madeiras e o xisto dominam o espaço animado com o top de Américo (rock, do bom).

A ligação do carpinteiro com a aldeia é forte. Cumprir contratos de trabalho na Suíça - em 1990, 1991, 1992 - nem nunca aspirar a fixar residência fora dali. "Custou-lhe muito, ele gosta de viver na aldeia", sorri a mulher. O casal vive ali com os seus três filhos. O marido continua a dedicar-se a carpintaria, só que agora também é barman no DJ. Rosa cuida dos miúdos e trabalha com eles no bar ao fim-de-semana.

Leonel Barata
30 anos
Fiado

Estava a ponderar avançar para Macau quando a Câmara do Fundão abriu o concurso público para a concessão do restaurante em Janeiro de Cima. Andou "a pensar na vida", a tentar perceber para onde se havia de virar. Se para a especialização em casinos, se para a carta gastronómica das Aldeias de Xisto.

Leonel Barata nasceu em França, viveu no Fundão, em Viseu, no Porto, em Lisboa, em Helsínquia, mas "toda" a sua família, materna e paterna, é dali. Era ali que ia passar as suas férias na infância e adolescência. Quando olhava para a aldeia, alojada num vale, com o Zêzere aos pés, via "grande potencial turístico".

Estudou gestão e turismo, hotelaria, relações internacionais. Investir em Janeiro de Cima era um velho sonho. O momento "parecia perfeito". Gosta de pensar

o turismo de uma forma integrada, sustentável. A aldeia estava a ser recuperada, duas unidades de turismo rural estavam prestes a abrir, alguns habitantes estavam a receber formação em gastronomia da região.



A carta gastronómica das Aldeias do Xisto, qual reflexo da vida de um povo, manifestação de criatividade, mas também de constrangimentos territoriais e socioeconómicos, estava pronta. Por iniciativa da Associação de Desenvolvimento Pinus Verde, executada pela C&S Serviços - Consultoria e Gestão, sob coordenação de Armando Fernandes, investigador e consultor cultural.

Leonel só tinha de decorar o edifício de linhas firmes, pintado com dois séculos tons de rosa. Mandou Macau as utrigas. Para além de si, o equipamento empregou sete pessoas (três com 18 anos, duas com 45 e 50). Clientes afluem de todo o lado - de Janeiro de Cima, da vizinhança, mas também das cidades do interior e do litoral.

Agora, Leonel vive entre Janeiro de Cima (onde explora também o café do Parque Fluvial) e o Fundão (onde acaba de abrir um bar, no edifício Mosca, na Cidade das Artes e do Engenho).